

**A PREDOMINÂNCIA DA MULHER NA DOCÊNCIA NOS ANOS INICIAIS DO
ENSINO FUNDAMENTAL
(E. E. E. F. DE APLICAÇÃO – CEPES/CG II EM CAMPINA GRANDE-PB)**

Erica Batista Andrade

Graduanda em pedagogia pela UEPB.

Email: erica89.andrade@gmail.com

Alzira Maria Lima da Silva

Graduanda em pedagogia pela UEPB.

Email: alziralima37@hotmail.com

Viviane de Almeida Silva

Graduanda em pedagogia pela UEPB.

Email: etavivi@hotmail.com

Lilian de Araújo Rodrigues

Graduanda em pedagogia pela UEPB

lilian_mulekinha@hotmail.com

Raquel de Sousa Andrade

Graduanda em pedagogia pela UEPB

Email: raqueluepb@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O interesse pelo tema surgiu devido à profunda curiosidade despertada a partir da observação da realidade aqui colocada em questionamento, bem como da percepção quanto à predominância do sexo feminino nas salas de aulas, sendo esta tanto em referência ao alunado em potencial para formação, como em relação ao corpo de professores em ação.

A presença da mulher no quadro docente é algo que vem de muito tempo; entretanto sempre marcada por uma forte discriminação e diminuição frente às atividades realizadas pelo sexo masculino, revelando-se até na formação curricular; discriminação esta potencializada no que diz respeito às docentes dos anos iniciais do ensino básico, que iniciam timidamente suas carreiras e onde as pressões sociais que as levaram à escolha da referida atividade estão ainda bastante frescas.

O ato de analisar como se dá os mecanismos que levam a mulher a se inserir no sistema de ensino tem relevância, uma vez que desvendar as peculiaridades que circundam esse panorama nos leva a um maior entendimento sobre o regimento de nosso sistema educacional, de nossas práticas educativas, e também da noção do olhar que a nossa sociedade possui em relação às questões de gênero e as mulheres inseridas nesse contexto.

O tema pode ainda contribuir e revelar as causas e opções que levam tantas mulheres a escolher tal caminho da docência; buscar as raízes dos males que alimentam os preconceitos tentando eliminá-los é algo digno de pesquisa uma vez que o entendimento desse processo pode levar a uma superação destas dificuldades e não só ajudar a conquista de direitos igualitários entre homens e mulheres como também o surgimento de mais respeito pelas atividades desempenhadas pelas mulheres refletindo na sua formação e em todo o processo docente da qual a mesma faz parte.

Na E.E.E.F de Aplicação, situada à Rua Severino Cabral, S/N- Catolé, Campina Grande- PB, escola tomada como referencial para a pesquisa, esse panorama não se faz diferente, estando as causas dessa escolha em equivalência com o restante do quadro social presente não só na cidade de Campina Grande, como em todo o Estado, muito embora a Paraíba, como parte de uma nação em desenvolvimento, possa apresentar suas peculiaridades em relação a algumas ideias e atitudes de seu corpo docente. Todavia, podemos afirmar que embora as questões culturais, econômicas e sociais sejam diferentes, as discriminações estarão sempre presentes em todos os lugares, e esta pesquisa vem justamente buscar e analisar esse quadro de peculiaridades das docentes da já referida e citada escola, mais precisamente das que lecionam os primeiros anos do ensino fundamental.

Desta forma, a preocupação se faz em esclarecer o papel daquelas mulheres dentro da docência buscando reconhecer os processos sociais que as conduziram a predominância naquele local, bem como suas formações curriculares e as principais dificuldades encontradas pelas mesmas, frente à sociedade e ao sistema no que se refere a sua inserção no mercado de trabalho.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Muitos são os motivos que levam a mulher a se inserir no mercado de trabalho; seja por necessidade econômica, realização pessoal; o fato é que a demanda feminina vem crescendo muito nos últimos tempos, desde a revolução industrial quando a mulher foi inserida nas fábricas, depois assumindo o papel de chefe do lar durante e no pós-guerra quando teve de suprir o itinerário masculino que caía nas trincheiras da Europa. O Brasil por não ter participado ativamente da guerra, o processo deu-se de um modo um pouco diferente, mas não menos traumático; a feminização do magistério ocorreu devido às lutas feministas,

mas a conquista não alcançou o nível financeiro a ponto de se tornar uma carreira atrativa também para o sexo masculino.

Ser professora representava um prolongamento das funções domésticas e instruir e educar crianças, sob o mascaramento da missão e da vocação inerentes as mulheres, significava uma maneira aceitável de sobrevivência, na qual a conotação negativa com o trabalho remunerado feminino esvaía-se perante a nobreza do magistério (ALMEIDA, 1996, p. 74).

Contudo, apesar de sua dedicação, as atividades femininas sempre estiveram carregadas de discriminação e estereótipos, tidas sempre como atividades inferiores e submissas. “Preliminarmente parece que se possa concluir que não é apenas a Ciência que é predominantemente masculina, mas nossa civilização, já há alguns milênios” (CHASSOT, 2007, p.1). O que existe, portanto é uma distinção entre profissões femininas e profissões masculinas, onde a segunda sempre se sobrepõe a primeira, e as bases desta sobreposição estão enraizadas em fundamentos que perduram por séculos e chegam praticamente intocados aos dias de hoje.

Possivelmente o preconceito contra o magistério feminino centrava-se menos na profissão em si, do que no trabalho assalariado que significava para a mentalidade ainda impregnada do colonialismo uma coisa vergonhosa, mais apropriada para ambos os sexos das classes baixas. Entretanto ser professora poderia se mais bem aceito para as mulheres se o fato de receber um pagamento por isso fosse mascarado pela nobreza da missão desempenhada ou menos um sacerdócio, conceito herdado do tempo em que a educação era somente um privilegio clerical (ALMEIDA, 1996, p. 75)

De acordo com o autor acima citado, observamos que a escolha da profissão não diz respeito somente a ser mulher ou homem, mas pode estar ligada diretamente também às desigualdades sociais, estando a docência atrelada as classes mais baixas, aumentando consideravelmente o agravo do problema sendo mulher, pobre e discriminada. Escolher a docência pode ser no melhor dos casos uma fuga da marginalização sofrida pela mulher perante a sociedade. A oferta de cursos de licenciatura, principalmente os voltados para a área de humanas revela essa grande predominância feminina; já em detrimento disto a área de exatas e tecnologia abriga o maior contingente masculino.

Explicar o fato leva a reflexões históricas como as citadas anteriormente, todavia se ela pode ser explicada pela baixa autoestima da mulher em não achar-se capaz de estar em um curso de exatas, onde a concorrência e dominância masculina assustam; ou se o desejo de uma

licenciatura se torna valorativo por ter mais facilidade de acesso para as mulheres por ser menos agressivo, é algo a ser discutido.

Pensar no porque da escolha da docência sendo esta tão desvalorizada, tanto pela sociedade, como por muitos dos próprios sujeitos que a compõem, está permeada por diversos fatores que para a mulher são bem mais significativos.

Neste sentido, o processo formativo do professor implica a reflexão sobre o processo de aprendizagem da docência, no qual estão implicados aspectos individuais e sociais, potencialidades e condicionamentos, nos remetendo a pensar que mesmo existindo uma realidade interna, esta adota cursos e formas dependentes do contexto cultural no qual o indivíduo encontra-se submerso, ou seja, ela se dá partir do entrecruzamento do plano individual e do plano social, gerando uma configuração única para cada indivíduo. Desta forma, a compreensão sobre a formação de professores passa necessariamente pela consideração da condição humana na sua processualidade (POWACZUK, 2008, p.4).

A escolha, portanto vai muito além das influências socializadoras, tais como a influência familiar, ou a vocação para o magistério; a sensibilidade, a criatividade das quais a profissão sempre requereu, também agravou o quadro para que a mesma fosse vista como similar, e assim associada à figura feminina.

Os componentes de cuidar e servir embutidos no magistério das séries iniciais operaram como fatores de segregação sexual, uma vez que cuidar de crianças e servir sempre foram consideradas ocupações de baixa qualificação. Estas concepções contribuíram para o afastamento dos homens da profissão e refletem-se nos baixos salários. Os atributos femininos associados à esfera doméstica como docilidade, submissão, sensibilidade, intuição e paciência, induziram a transformação da escola em um reduto feminino, pois se argumentava que ali elas continuariam rodeadas de crianças e exercitariam todas as características de sua vocação maternal (ZIBETTI apud APPLE 1995, p.2)

Ser professora atualmente, escolher o magistério como profissão tornou-se algo que deve ser analisado com outros olhares na busca de uma maior igualdade de direitos e respeito para com a docência e para com o sexo feminino, que o domina.

METODOLOGIA

O estudo se fundamentou em pesquisa qualitativa, fazendo uso de referências bibliográficas, onde o uso da abordagem vem agregar valor ao estudo e revelar na pesquisa os fins a que se pretende chegar, desvendando assim o seu resultado. A pesquisa qualitativa parte

do pressuposto que nem todo fato, realidade ou conhecimento pode ser quantificado, seu uso aprimora a pesquisa ao levantar hipóteses e teorias que não se conseguiria chegar mediante a somente utilização de gráficos, números e tabelas. O ensino é uma prática que se revela moral e eticamente nos julgamentos humanos, o que o torna uma concepção onde os valores e práticas não devem ser meramente reproduzidos, mas sim transformados na busca de melhores condições.

Pesquisar não é somente selecionar diversos conhecimentos sobre certo assunto, mas sim aprimorar conceitos que ultrapassem valores antigos podendo ajudar no melhor entendimento a cerca da realidade na qual vivemos.

Observamos assim a importância do ato da pesquisa,

A pesquisa tem um papel formador porque requer uma atitude constante de indagação e de aprendizagem, estimulando a formação de capacidades e atitudes que auxiliam a autonomia intelectual dos sujeitos e sua cidadania. A pesquisa realizada de uma perspectiva crítica estimula um modo de pensar também crítico sobre a realidade, possibilitando compreender que a produção de conhecimento é tarefa social e coletiva. (...) Na condição de realizar-se criticamente como diálogo, a pesquisa supõe um modelo de racionalidade comunicacional que busca superar o senso comum, sem desqualificá-lo, mas valorizando-o como ponto de partida e de chegada para novas possibilidades. (FRANCO & LISITA *apud* CUNHA 2003, p.49).

A pesquisa em educação “tem o objetivo de analisar e aprofundar o entendimento da atuação de educadores, desde os pressupostos filosóficos até o contexto político no qual a ação educacional está inserida, incluindo aí os métodos mais adequados de ensino” (MALHEIROS, 2011, p. 25).

Portanto, pesquisar fazendo uso de fontes e metodologias adequadas podem transformar e melhorar o processo educacional, uma vez que a mesma se faz importante tanto para a formação de novos conhecimentos, como para a própria formação do profissional de educação. A pesquisa educacional é um campo amplo que cresce a cada dia e que recebe influências de diversas áreas do conhecimento.

A pesquisa educacional, tal como ela vem sendo realizada, compreende, assim uma vasta diversidade de questões, de diferentes conotações, embora todas relacionadas complexamente ao desenvolvimento das pessoas e das sociedades. Ela tem abrangido questões em perspectivas filosóficas, sociológicas, psicológicas, políticas, biológicas, administrativas, etc. se pensamos apenas em um de seus aspectos- o da educação- ela se refere a problemas de legislação, de currículo, de métodos e tecnologia de ensino, de formação docente, das relações professor-aluno, etc. (GATTI, 2010, p. 13)

Tivemos como lócus e objeto de estudo as professoras da E.E.E.F de Aplicação da cidade de Campina Grande, em especial as que lecionam os primeiros anos do ensino fundamental. Para a realização da mesma foram utilizados mecanismos de coleta de dados tais como análises bibliográficas, entrevistas informais e aplicação de questionários impressos, nos quais as professoras escolhidas para a pesquisa responderam-nos; ao todo foram coletadas informações de 3 professoras, todas docentes das séries iniciais do ensino fundamental, a saber de salas do 2º ao 5º ano; as quais foi resguardado o direito ao sigilo para a pesquisa.

A coleta de dados teve duração de uma semana, tendo as informações adquiridas principalmente via questionário de questões abertas, no qual foram coletados dados relevantes para o desenvolvimento da pesquisa. Em geral as docentes possuem em média mais de vinte anos de carreira docente e estão no patamar de graduação superior, possuindo especialização.

RESULTADOS E DISCURSÃO

O lócus da pesquisa é uma escola bastante movimentada, que abriga os dois níveis do ensino fundamental, sendo que no primeiro nível, fundamental I, existem sete turmas; contudo a coleta de dados se deu com apenas três das professoras, uma vez que a mesma foi voluntária.

Observamos inicialmente certo desconforto das professoras no que diz respeito à participação e resposta do questionário aplicado; contudo apesar de apenas uma pequena parcela das mesmas terem se disponibilizado a contribuir, o objetivo que se almejava foi alcançado e de acordo com as informações coletadas podemos observar a concordância das opiniões com o embasamento teórico adotado.

De acordo com as respostas obtidas, podemos obter um vislumbre do que realmente ocorre nessa envoltória onde educação e relações de gênero caminham interligadas. Discutir sobre a mulher na docência vai muito além de quantificar quantas delas estão em sala de aula, diz respeito a que condições levaram-nas a tornarem-se efetivamente educadoras, quais os motivos externos e principalmente os internos que as conduzem a este caminho. Segundo dados do Anuário Brasileiro da Educação Básica 2012

A maioria dos professores do sexo masculino que estão na Educação Básica dá aulas para turmas dos anos finais do Ensino Fundamental e para jovens no Ensino Médio. As mulheres são maioria no Magistério (81%) e quase a totalidade dos professores que ensinam as crianças. (p. 63)

Inúmeras são as vezes que essas docentes precisam se impor frente à sociedade, para defenderem suas carreiras, e a si próprias dos incontáveis preconceitos e discriminações geradas pelas raízes da inferiorização da mulher durante os séculos de nossa história.

Para algumas, a docência vem realmente a título de vocação, de amor pelo educar, pela transformação e formação do indivíduo; mas para outras foi o ponto de partida de uma única escolha; ser professora, ou tornar-se “do lar”. De acordo com análise das respostas das entrevistadas, a docência é algo que se tornou bom para elas, algumas a fizeram por livre consciência, mas outras por pura pressão, ou porque enxergam na profissão uma forma rápida e fácil de ganharem a liberdade e uma independência financeira possuindo até certo status social.

Era lindo os lares terem filhas normalistas. Mas o sistema educativo foi desvalorizando os docentes a partir de pequenos salários, a mídia vai divulgando essas deficiências, e o magistério vai se tornando algo de repúdio (ganha pouco, mora mal), nada pode. (professora x)

Muito embora hoje a docência venha sendo motivo de aversão, sabemos que as turmas de diversas Universidades, sejam públicas ou privadas, estão amarrotadas de aspirantes para a Pedagogia, fato que pode ser gerado pelo vasto campo de emprego que o mercado oferece para este profissional.

Como sabemos o cuidar e a figura feminina sempre estiveram bastante associados; então transferir os cuidados de mãe para a figura da professora não foi tarefa difícil, somando este fato a desvalorização do trabalho feminino e da carreira docente; que não possui condições nem salários muito atrativos.

A cultura ou o raciocínio das pessoas de que o Magistério primário e conseqüentemente o curso de pedagogia eram atividades socialmente ao domínio feminino. Mais precisamos questionar em busca por explicações teóricas que possam auxiliar a entender possíveis relações e construções e mudanças históricas culturais. Talvez pelo fato do exercício do Magistério exigir certas qualidades femininas, como a doçura e a paciência, além do jeito para lidar com crianças. (Professora y)

Ser docente em tempos em que a educação ainda não possui os meios adequados para se trabalhar afasta não somente o perfil masculino das salas de aulas (o que não quer dizer que seja o melhor, não estamos querendo aqui afirmar um lado melhor ou pior); como também deixa as questões de gênero mais afloradas e delicadas, especialmente se as mulheres, docentes, que estão em sala de aula não possuírem o esclarecimento a cerca de seus direitos e

potenciais para exigir mudança, não somente no que concerne ao respeito para com as mesmas, mas também no que se refere ao respeito com sua profissão. Podemos então afirmar que a escolha de ser docente geralmente esta mais ligada a uma questão social de que um valor ou desejo interno pelo cultivo da profissão.

CONCLUSÃO

As questões ligadas às discussões sobre gênero sempre geram muita polêmica, uma vez que se trata de um assunto enraizado em tabus e construções históricas. Tratar de gênero então dentro da escola faz se ainda mais complicado pela própria condição da profissão ser atualmente dominada por mulheres. Aquelas que antes não tinham acesso ao estudo hoje dominam o ensino, muito embora a discriminação ainda as persiga.

Com as informações colhidas durante o processo de estudo e pesquisa, podemos perceber todas estas lacunas, e no lócus da pesquisa podemos observar diversos pontos que nos levam aos resultados da mesma. Podemos afirmar que as observações e opiniões mencionadas pelas professoras que se dispuseram a contribuir foram muito importantes para a conclusão da pesquisa, onde enxergamos as deficiências não só do sistema educativo por si só, mas também da sociedade e de diálogos abertos dentro da própria escola acerca da docência, dos membros que a compõe e de seus significados.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Jane Soares de. **Mulheres na escola**: algumas reflexões sobre o magistério feminino. Caderno de Pesquisas. n. 96, São Paulo, fev. 1996 (pp. 71-78)

CHASSOT, Attico. **A ciência é masculina?** 3ª.ed. São Leopoldo: Editora UNISINOS, 2007. 104 p.

CRUZ, Priscila. MONTEIRO, Luciano. **Anuário Brasileiro da Educação Básica 2012**. São Paulo-SP: Editora Moderna, 2012.

Disponível em:

<http://www.moderna.com.br/lumis/portal/file/fileDownload.jsp?fileId=8A8A8A83376FC2C9013776334AAE47F0>

Acesso dia: 16 mar. 2013

FRANCO, Maria Amélia Santoro; LISITA, Verbena Moreira soares de Sousa. Pesquisa-ação: limites e possibilidades na formação docente. In: PIMENTA, Selma Garrido; FRANCO, Maria Amélia Santoro. **Pesquisa em educação**: possibilidades investigativas/formativas da pesquisa-ação. v.2. São Paulo: Edições Loyola, 2008 (pp. 41-67)

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. 3ª. ed. Brasília: Liber Livro Editora, 2010 (pp. 09-35)

MALHEIROS, Bruno Taranto. **Metodologia da pesquisa em educação**. 2.ed. Rio de Janeiro: LTC, 2011 (pp. 21-38).

POWACZUK, Ana Carla Hollweg; SANTOS, Eliane Aparecida Galvão dos; SANTOS, Luciana Dalla Nora dos. **A atividade de produção da docência e a professoralidade alfabetizadora**. 2008

Disponível em: http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/894_691.pdf

Acesso dia: 12 jun. 2012

ROSEMBERG, Fúlvia; AMANDO, Tina. **Mulheres na escola**. Caderno de pesquisa, nº 80, São Paulo, fev. 1992 (pp.62-74)

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Identidades terminais**: as transformações na política da pedagogia e na pedagogia da política. Petrópolis,(RJ): Vozes, 1996

ZIBETTI, Marli Lúcia Tonatto. O que pensam professoras de educação infantil sobre a feminização da profissão docente?

Disponível em: <http://www.anped.org.br/reunioes/30ra/trabalhos/GT23-3041--Int.pdf>

Acesso dia: 01 jul. 2012